

Putá merda! O uso do palavrão como recurso de expressividade

Holy shit! The use of swearing words as a resource of expressiveness

Damião Inácio da Silva¹
Renata Lívia de Araújo Santos²

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa Sociolinguística Variacionista (Labov (2008, [1972]) em consonância com estudos de cunho discursivo e pragmático, que teve o objetivo de compreender o uso variável do palavrão como ferramenta discursiva. O estudo foi direcionado a estudantes do curso de licenciatura em Letras de uma Universidade Federal e realizado com 67 pessoas. A pesquisa tem um caráter qualitativo e quantitativo e a metodologia para coleta de dados, que segue princípios metodológicos da Sociolinguística Variacionista, consistiu em um questionário semiestruturado enviado via e-mail e aplicativo de mensagem. Os resultados da pesquisa demonstram que a maioria do público analisado possui o hábito de falar palavrão e que esse uso, sendo variável, se estende a diferentes contextos, como em conversas informais, em situações de nervosismo e irritação etc. Além disso, constatou-se que as principais funções do palavrão, entre os participantes, são enfatizar o sentido das palavras e servir como válvula de escape para expressar emoções.

Palavras-chave: Palavrão. Sociolinguística. Tabu linguístico.

Abstract: This article presents the results of a Variationist Sociolinguistics study (Labov (2008, [1972]) in line with discursive and pragmatic studies, which aimed to understand the variable use of swearing as a discursive tool. The study was directed at undergraduate students in Literature at a Federal University and carried out with 67 people. The research has a qualitative and quantitative nature and the methodology for data collection, which follows methodological principles of Variationist Sociolinguistics, consisted of a semi-structured questionnaire sent via email and messaging application. The results of the research demonstrate that the majority of the analyzed public has the habit of swearing and that this use, being variable, extends to different contexts, such as in informal conversations, in situations of nervousness and irritation, etc. In addition, it was found that the main functions of swearing, among the participants, are to emphasize the meaning of words and to serve as an escape valve to express emotions.

Keywords: Swearing words. Sociolinguistics. Linguistic taboo.

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada, Serra Talhada, PE, Brasil. Endereço eletrônico: prof.drochedo@gmail.com.

² Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada, Serra Talhada, PE, Brasil. Endereço eletrônico: renata.livia@ufrpe.br.

Considerações iniciais

Os seres humanos são animais sociais, o que significa que, uma vez inseridos em uma sociedade, são naturalmente impelidos a interagirem entre si. A essa interação, damos o nome de comunicação, que consiste no “Processo pelo qual ideias e sentimentos se transmitem de indivíduo para indivíduo” (Michaelis, 1998, p. 550), ou ainda “conjunto de conhecimentos relativos à transmissão de informações” (Borba, 2004, p. 314). Nesse sentido, Setyaningtias (2023) é enfática ao afirmar que, sem comunicação, nenhum ser humano neste planeta estaria apto a interagir um com o outro e acrescenta que uma das mais importantes, rápidas e criativas ferramentas comunicativas que existem, para transmitir ideias, pensamentos e sentimentos, é a linguagem.

Conforme Rabaça (2001, p. 430), a linguagem é “Qualquer sistema de signos [...] capaz de servir à comunicação entre os indivíduos”. Foi o domínio da linguagem que nos permitiu conhecer *A Odisseia* de Homero, *A Divina Comédia* de Dante, as peças de Shakespeare, os sonetos de Camões, os salmos bíblicos. Esses exemplos demonstram que, para além do ato conversacional, a linguagem funciona como instrumento de expressão artística, usado para exprimir manifestações poéticas, culturais e filosóficas. Ressaltamos, entretanto, que nem sempre a linguagem é usada com esse caráter nobre, e cotidianamente as pessoas usam as palavras para expressar sentimentos impuros e pensamentos agressivos. Essa parte do léxico é denominada “palavrão”, que se define como o vocábulo de caráter obsceno, chulo, vulgar, pejorativo ou pornográfico e que tem como função precípua o ato de ofender ou, dependendo do caso, enfatizar uma ideia.

A esse respeito, Pinker (2008) explica que as pessoas falam palavrão de pelo menos cinco maneiras diferentes: descritiva, idiomática, agressiva, empática e catártica. A função descritiva do palavrão pode ser exemplificada pela expressão “Fudeu!”, usada pelo falante quando se vê em uma situação adversa ou quando algo não gera o resultado esperado. A função idiomática pode ser identificada na exclamação “Bota pra fuder!”, que funciona como uma espécie de exortação para que alguém execute determinada ação ou atividade. O caráter agressivo é encontrado em expressões, como “Vai tomar no cu!” ou derivações disso, como “Vai se fuder!”, “Foda-se!” etc. A natureza empática é usada para hiperbolizar ou exaltar as qualidades e atributos de algo ou alguém, como nas sentenças “Isso é do caralho”, “Você é foda”. O palavrão é catártico quando usado para exteriorizar uma emoção, como na expressão “Putaquepariu!”, que, dependendo do contexto, pode significar surpresa, espanto, irritação, desapontamento etc.

Independentemente da intenção que se pretende com o uso do palavrão, Orsi (2011, p. 1) destaca que “Cada dia parece ser mais evidente a adoção de itens léxicos eróticos e obscenos por pessoas de todas as faixas etárias em situações informais”. A principal razão desse fenômeno, de acordo com a autora, deve-se a esse tipo de vocabulário integrar

músicas, roteiros de televisão e legendas de filme, por exemplo, o que demonstra a onipresença do palavrão na sociedade atual. Embora seu uso seja efetivo e presente nas interações diárias das pessoas, Zossou (2022, p. 65) observa que “Existe certa estranheza em torno do uso dos palavrões”, o que se explica, em grande parte, pelo fato de eles se referirem a temas de natureza sensível, como o sexo, assunto esse que naturalmente desperta pudores.

Em face desse cenário, este artigo objetiva estudar o fenômeno dos palavrões sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), avaliando os usos variáveis e as intenções, razões e objetivos dos falantes ao empregarem esse tipo de ferramenta discursiva em suas interações. A pesquisa foi realizada com alunos do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada – UFRPE/UASt, abordando uma amostra de 67 alunos com idade média de 22,1 anos.

Em relação aos objetivos que orientam o estudo, destacamos como propósito geral investigar o uso dos palavrões como ferramenta discursiva entre estudantes do curso de Letras. Nesse sentido, os objetivos específicos são: I) definir, do ponto de vista lexical, o conceito de palavrão; II) delimitar as funções dialógicas que fundamentam o uso das palavras torpes; e III) refletir sobre as escolhas que motivam os falantes a fazer uso de semelhante vocabulário. Esperamos, desse modo, contribuir com os estudos sociolinguísticos, no sentido de avançar as análises e pesquisas a respeito da linguagem obscena.

Para isso, o presente artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira seção, sobre a metodologia, explicamos o tipo de pesquisa e o instrumento de coleta de dados que utilizamos. A segunda seção é dedicada a fazer uma breve introdução à Sociolinguística Variacionista e de que modo ela se relaciona com os palavrões. Em seguida, adentramos no tema propriamente dito, apresentando a definição de palavrão, bem como suas funções e benefícios. A subseção *Por que falamos palavrão* explica, do ponto de vista cognitivo, os motivos pelos quais usamos palavras torpes; além disso, discutimos a razão de certas palavras serem consideradas obscenas e explicamos a origem de alguns termos chulos. Na subseção seguinte, esclarecemos o que é tabu linguístico e destacamos os tipos de palavras e expressões que se enquadram nessa categoria. Discorreremos, ainda, sobre a relação entre religião e palavrões. E, finalmente, apresentamos os resultados da pesquisa.

Metodologia

Para a realização deste artigo, foi utilizado o método de pesquisa descritiva e quantitativa, com fundamentações metodológicas da Sociolinguística Variacionista, com a finalidade de analisar os conceitos e definições acerca do palavrão enquanto estratégia discursiva. A coleta de dados se deu por meio de um questionário semiestruturado, composto

por 40 perguntas, criado na plataforma *Google Forms* e enviado para os participantes via e-mail e aplicativo de mensagem (WhatsApp). A data de início da pesquisa se deu no dia 19 de setembro de 2023 e se estendeu até o dia 31 de outubro, abrangendo, portanto, 42 dias. O questionário foi composto por perguntas objetivas, em que o participante deveria escolher uma entre múltiplas alternativas, e perguntas subjetivas, devendo responder espontaneamente ao questionamento feito. Exemplos de perguntas objetivas presentes no questionário: 1) *Você fala palavrão?* 2) *Com que frequência você fala palavrão?* 3) *Em que ambientes você ouve mais palavrões?* As perguntas subjetivas consistiram em: 1) *Qual a definição de palavrão?* 2) *Quais os palavrões que você mais usa?* 3) *Qual palavrão você usa para expressar surpresa?* entre outras.

Para a realização do questionário, foi solicitado aos participantes que concordassem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual se salienta o caráter científico e acadêmico da pesquisa, resguardando a privacidade dos envolvidos e o sigilo no tratamento dos dados fornecidos.

O local da coleta de dados foi a Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada – UFRPE/UAST, localizada na Fazenda Saco, a 412 km de Recife. O estudo abordou estudantes do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês, cujo corpo discente é composto por 278 alunos. O questionário foi encaminhado a 120 pessoas, distribuídas do primeiro ao nono período. O critério de inclusão considerou alunos devidamente matriculados no curso de Letras. Responderam à pesquisa 67 pessoas, ou seja, 55,8% da amostra. O critério de exclusão englobou os alunos que, por razões diversas, não tiveram acesso ao questionário ou não se dispuseram a responder as perguntas.

Sociolinguística

Existe uma relação intrínseca entre linguagem e sociedade. Do ponto de vista histórico, observamos que, no passado, grandes líderes militares impunham sua língua para sobrepujar povos conquistados, a exemplo do que aconteceu com o latim, por meio do Império Romano, e o francês, na figura de Napoleão Bonaparte. A língua é, portanto, um fenômeno social que individualiza e identifica um povo, distinguindo-o dos demais. Sendo provida, pois, de tamanha relevância, a relação língua-sociedade é merecedora de estudos que investigam as “dimensões sociais e do comportamento das línguas, ou seja, os fenômenos linguísticos que têm [...] significado social” (Orsi, 2012). O campo do conhecimento que se dedica a essa relação é a Sociolinguística.

Conforme explica Mollica (2007, p. 9):

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se

faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

O precursor da Sociolinguística, que surgiu em meados do século XX, foi o linguista americano William Labov (2008, [1972]). Para ele, de acordo com Santos e Vitória (2011), as correntes vigentes naquele momento – o estruturalismo *saussureano* e o gerativismo *chomskyano* – não abarcavam a heterogeneidade linguística que é inerente a qualquer língua natural. Enquanto essas correntes tratam as línguas como sendo completamente homogêneas e uniformes, os sociolinguistas defendem que há, na verdade, uma diversidade linguística subjacente que não pode ser ignorada. Em outras palavras, não se pode dissociar língua de sociedade.

Com efeito, Labov (2008) declara que a língua é uma forma de comportamento social, ou seja, o modo como as pessoas falam e se comunicam sofre influência da forma como elas interagem e se relacionam dentro de determinado grupo. Nesse sentido, Darma (2017) explica que os estudos sociolinguísticos exploram três aspectos: primeiro, as conexões entre língua e sociedade, fato esse ao qual já aludimos; segundo, como o uso da língua varia de acordo com diferentes fatores sociais, o que se observa, por exemplo, na disparidade entre o modo de falar de um nordestino e um sulista, entre moradores do campo e da cidade, entre *boomers* e *millenials* etc.; o terceiro aspecto diz respeito ao modo como usamos a linguagem em diferentes situações sociais. A título de ilustração, observamos que, a depender do ambiente ou situação comunicacional, os indivíduos optam por esse ou aquele modo de falar, escolhendo o que melhor se adequa ao discurso – jargões em contextos profissionais, gírias em conversas informais, termos chulos e obscenos em ambientes esportivos, e assim por diante.

Esse tipo de variação, de acordo com a Sociolinguística Variacionista, chama-se variação diafásica (estilística ou situacional), que ocorre devido a variações que acontecem dividindo as situações ou contextos em que o falante se encontra, ou seja, em determinadas ocasiões, podemos usar um registro mais formal ou menos formal, dependendo do contexto sociocomunicativo. É através desse tipo de variação que surge a variedade linguística formada por palavras torpes.

Estamos falando, portanto, da Sociolinguística Variacionista, uma subárea da Sociolinguística que procura estudar a heterogeneidade linguística a partir da correlação entre o linguístico e o social. Conforme essa subárea da Sociolinguística, a língua é intrinsecamente variável e, além disso, sofre pressões internas e externas (variáveis independentes), o que impulsiona ainda mais a variação linguística (variável dependente), que é um processo não só comum à língua, mas também natural, pelo qual formas diferentes de se dizer a mesma coisa podem ocorrer em um mesmo contexto com um mesmo valor de verdade. Assim, a

variedade linguística é uma propriedade funcional e inerente ao sistema linguístico, cabendo à Sociolinguística Variacionista estudá-la em suas estruturas linguísticas e sociais.

Palavrão: que porra é essa?

Morfologicamente, o palavrão pertence à classe gramatical das interjeições, termos que se relacionam “à emoção que se acha, intrinsecamente, relacionada à produção de linguagem do ser humano e a suas ações no mundo” (Almeida, 2021, p. 155). A maioria dos dicionários o define como palavra obscena, agressiva, chula, usada para xingar, ofender. Collet (2011, p. 1) considera como sinônimo para palavras de baixo calão, que significam “blasfêmia, xingamentos, maldições e tabus”. Orsi (2011, p. 2) acrescenta que o palavrão é concebido como o item que ultrapassa o limite da considerada boa decência e da moralidade, “por isso algumas das lexias erótico-obscenas, especialmente aquelas referentes ao sexo, podem ser classificadas como palavrões”.

A fim de contrastar as diferentes categorizações atribuídas ao palavrão, apresentamos, no quadro 1, algumas definições dadas pelos participantes ao responder à pergunta 5 do questionário.

Quadro 1: Pergunta 5 do questionário: Na sua opinião – sem recorrer a dicionários –, qual a definição de palavrão?

1	Palavras de baixo calão, ou seja, de baixo nível, que alguém profere quando quer expressar algum sentimento ruim.
2	Palavras com sentidos impróprios ou com o sentido negativo.
3	Palavras de baixo calão, normalmente de caráter sexual. Mas também existem alguns conhecidos regionalmente que podem atrair "coisas ruins", espiritualmente falando.
4	Uma palavra feia, usada pra ofender, mas também pra causar intensidade sem ofender.
5	Seria uma forma de expressar seu stress ou insatisfação de uma forma mais ácida, também é considerado palavrão pois é um tabu, algo que choca.

Fonte: autoria própria.

Uma das definições mais recorrentes dada pelos participantes está representada pela resposta 1 no quadro: palavrão é uma palavra pertencente à categoria de baixo calão. Segundo o dicionário Michaelis (1998, p. 391), calão é a “linguagem caracterizada por termos obscenos ou grosseiros”. Portanto, se o calão em seu “nível normal” já remete à obscenidade, quando descemos o nível para o chamado baixo calão estamos nos referindo a palavras “chulas, agressivas, ofensivas, imorais, vulgares, pejorativas ou impróprias” (Rosa, 2022, p. 21), o que é corroborado pela resposta 2 no quadro.

A resposta 3 acrescenta uma definição peculiar: palavrões são termos que, do ponto de vista espiritual, atraem “coisas ruins”. Nessa categoria podemos incluir as palavras de caráter religioso, por exemplo: desgraça, diabo, inferno, maldição, praga etc. Araújo (2008, p. 313) acrescenta que “em relação a doenças também há palavras/expressões proibidas, como

a substituição de câncer por **C.A.**, por exemplo” (grifo do autor). Ressalvamos, no entanto, que embora tido como tabu, o vocábulo “câncer” não se classifica como palavrão.

A resposta 4 levanta outra perspectiva: embora o palavrão tenha como principal função a ofensa, ele também pode causar intensidade sem necessariamente ofender. Podemos citar, a título de exemplo, a palavra *puta*, que é usada como impropério para se referir a “qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem” (Houaiss, 2001, p. 2339). Além disso, está presente na expressão *filho da puta*, que também possui caráter ofensivo. Por outro lado, quando nos referimos a alguém como “um puta profissional”, por exemplo, não se pretende com isso ofender a honra da pessoa mencionada, mas, ao contrário, exaltar suas qualidades e sua expertise no ofício que exerce.

Do ponto de vista sociolinguístico, o palavrão cumpre múltiplas funções. Darma (2017) afirma, por exemplo, que xingar pode ter uma variedade de consequências interpessoais, incluindo alívio de stress e dor, promove vínculo e solidariedade grupal, inibe agressão, provoca humor e causa dor emocional aos outros. Nesse sentido, perguntamos aos participantes qual a principal razão pelas quais eles falam palavrão. A resposta mais frequente (40,3%) remete ao fato de que o palavrão funciona como uma válvula de escape, ou seja, um mecanismo pelo qual as pessoas extravasam suas emoções, o que está de acordo com a função catártica do palavrão descrita por Pinker (2008). Além disso, no que diz respeito ao alívio de dor e stress, estudos como os de Stephens (2011) atestam que falar palavrão tem efeito positivo sobre nossa resistência à dor. No experimento relatado pelo autor, um grupo de 71 estudantes foi submetido à seguinte situação: cada participante foi instruído a submergir a mão em um recipiente contendo água extremamente gelada, devendo resistir o máximo de tempo possível. Observou-se que, durante o processo, certo número de pessoas proferia palavrões, enquanto outras não. O estudo concluiu que 52 participantes (73% da amostra) que falaram palavrão conseguiram manter a mão submersa na água gelada por mais tempo.

Em relação à questão do humor, Dal Corno (2011) pontua que os palavrões servem para brincar com coisa sérias, baixando-lhes o nível. Além disso, “podem até nos ajudar a gerir nossas identidades e mostrar intimidade e confiança, além de aumentar a atenção e o domínio sobre outras pessoas” (BBC, 2023, online). Nesse sentido, para fins de comunicação, o palavrão pode ser considerado um recurso discursivo necessário, fato que é corroborado por 59,7% dos participantes. Dessa porcentagem, 7,5% o consideram totalmente necessário, ao passo que 52,2% afirmam que, embora necessário, deve ser usado com moderação. O restante (40,3%), que corresponde àqueles que não falam palavrão, afirmam, naturalmente, que ele é totalmente desnecessário.

Por que falamos palavrão?

De acordo com Hunt (2023), é inegável a ubiquidade do praguejar na maioria das línguas e culturas. Corroborando esse raciocínio, Maior (2010) observa que, de um modo ou de outro, o mundo inteiro diz palavrão: homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas. Por essa perspectiva, Orsi (2013) afirma que o léxico obsceno tem a capacidade de retratar a cultura e o pensamento de um povo e, além disso, desvelar a essência do ser humano.

Do ponto de vista psicológico e cognitivo, Pinker (2008) explica que a linguagem comum está concentrada em uma região do cérebro chamada neocórtex. Nesta mesma região também se localiza a polidez linguística. Quando falamos, por exemplo, sobre poesia, filosofia, artes etc., estamos fazendo uso dessa polidez. Contudo, ainda de acordo com Pinker (2008), também existe no cérebro o sistema límbico, que tem maior ligação com as emoções e o modo como elas são expressas.

Saber, no entanto, onde os palavrões se originam não justifica o motivo de eles serem considerados impróprios. Nesse sentido, Auatt (2018, p. 1-2) questiona as razões pelas quais determinadas palavras tornam-se proibidas: “Por que, muitas vezes, como usuários do idioma, somos obrigados a renunciar a toda essa expressividade contida em um impropério?” Em outras palavras, o decoro social educa as pessoas a se absterem de determinado vocabulário, por considerá-lo impróprio ou indecente. Mas o que suscita essa indecência? Quem determina o que é próprio ou impróprio à linguagem? Para investigar essa questão, perguntamos aos participantes a razão de palavras como caralho, porra, boceta, puta serem consideradas palavrão. O quadro 2 apresenta as principais respostas.

Quadro 2 – Pergunta 15 do questionário: Por que palavras como porra, boceta, caralho etc. são consideradas palavrão?

1	Por ser associadas a órgãos sexuais.
2	Por ser palavras fortes, com tom de agressão.
3	Porque são palavras que remetem às partes sexuais.
4	Acredito que por uma crença de que tudo que se refere ao sexo que não puritano, antes de se casar na igreja ou tudo que se refere às partes íntimas, é considerado tabu.
5	Porque são vistas como vulgares pela sociedade, levando em conta que se referem a genitais.

Fonte: autoria própria.

A observação do quadro revela que as respostas mais frequentes foram no sentido de atribuir ao sexo o caráter torpe dos palavrões. A resposta 1, por exemplo, foi sucinta ao afirmar que as mencionadas palavras são associadas a órgãos sexuais, mesma linha seguida pelas respostas 3 e 5. A resposta 4 apresenta uma justificativa para esse fato ao declarar que o sexo é visto de forma negativa pelos olhos da sociedade, pois tudo que se refere ao sexo não puritano, ou seja, que não obedece aos padrões religiosos, é considerado tabu, e, portanto, tende a ser rechaçado socialmente.

Como se nota, a principal razão de se considerar “caralho” e “boceta” como palavrões é o fato de ambas se referirem aos órgãos sexuais. No entanto, pênis e vagina fazem a mesma referência e nem por isso são considerados de baixo calão. Pelo contrário, são termos, por assim dizer, clínicos, anatômicos, e, portanto, aceitáveis.

A palavra boceta, usada para designar o órgão sexual feminino, tem um caráter obsceno, de modo que sua enunciação causa constrangimento aos ouvidos de pessoas pudicas e avessas ao uso de palavrão. O tom de obscenidade, no entanto, não reside na palavra em si, mas na conotação que a ela foi atribuída, uma vez que nem sempre a boceta pertenceu à classe de palavras de baixo calão, como bem observa Pais (2015) ao citar Machado de Assis, que em seu *Dom Casmurro* escreve da seguinte forma:

Concluo que não se devem abolir as loterias. Nenhum premiado as acusou ainda de imorais, como ninguém tachou de má a **boceta** de Pandora. Por lhe ter ficado a esperança no fundo; em alguma parte há de ela ficar (Assis, 2004, p. 24, grifo nosso).

O Bruxo do Cosme Velho faz referência ao mito da caixa de Pandora. Segundo a mitologia, Pandora foi a primeira mulher, criada diretamente pelos deuses. A ela foi dada uma caixa contendo todos os males: guerras, doenças, ódio, preconceitos etc. Havia, porém, uma recomendação para essa caixa nunca ser aberta. Pandora, no entanto, não resistiu à curiosidade e abriu a caixa, liberando os males e deixando guardada apenas a esperança.

Constatamos, desse modo, que o uso que Machado de Assis faz da palavra boceta é nada além disso: uma caixa. Freitas (2018) aponta uma definição similar ao afirmar que boceta era o nome de uma caixinha onde se guardava o fumo de rolo, no século XIV. O autor acrescenta, ainda, que boceta também era o nome que designava, antigamente, uma pequena bolsa para guardar moedas. Conforme já aludimos anteriormente, essa conotação de recipiente onde se guarda alguma coisa foi o que criou a associação entre boceta e o órgão sexual feminino.

Voltemos nossa atenção agora para o termo caralho. Sua principal acepção faz referência ao órgão sexual masculino. No entanto, Freitas (2018, p. 12) aponta que, de acordo com a Academia Portuguesa de Letras, caralho é a “palavra com que se denominava a pequena cesta que se encontrava no alto dos mastros das caravelas, de onde os vigias perscrutavam o horizonte em busca de sinais de terra”. O autor explica, ainda, que o caralho era o lugar reservado aos marinheiros que cometiam alguma infração a bordo. Daí se originou a expressão “Vá pro caralho!” para expressar um sentimento de raiva contra uma pessoa.

Observamos então que as palavras sofrem uma espécie de expansão semântica, no sentido que um vocábulo que, originalmente, não era tido como palavrão, passa a ter conotação obscena de acordo com o uso que se faz dele. Isso acontece, como observa

Almeida (2021), pelo fato de alguns elementos da categoria sexualidade sofrerem variação categorial, adquirindo, assim, uma polissemia, isto é, multiplicidade de sentidos. A exemplo da palavra *caralho*, originalmente se tratava da parte de uma embarcação; esse sentido mudou e passou a designar o órgão sexual masculino. Em ambos os casos a palavra *caralho* se classifica como substantivo. Porém, essa classificação pode sofrer alterações de acordo com as intenções e contextos em que a palavra é dita. Por exemplo, em “Te amo pra caralho!”, não há referência a órgãos genitais ou peças náuticas, mas uma partícula intensificadora que pode ser classificada gramaticalmente como locução adverbial de intensidade. A mera expressão “Caralho!” pode ser proferida para expressar dor, e aí temos o que se chama interjeição. Na frase “Eu vou é o caralho!” existe a ideia de negação, embora não exista na sentença nenhuma partícula que indique essa função, como a palavra “não”. Esse atributo fica a cargo do vocábulo *caralho*, que, não apenas nega o sentido expresso pela oração principal – “Eu vou” –, como o enfatiza.

Fica patente, desse modo, o fato de que o que denominamos palavrão depende “do contexto sócio-histórico-cultural, da situação comunicativa do discurso e, sobretudo, da intenção do falante ao produzi-los e da interpretação do interlocutor ao ouvi-los” (Oliveira, 2018, p. 168), visto que, como observa Burgos (2018, online), “hoje ninguém se lembra mais de ‘caralho’ como sendo a cestinha que ficava no alto do mastro dos navios, ou ‘boceta’ como uma caixa pequena e redonda.” Tais palavras tiveram seu significado diluído e passaram a cumprir, dentro da linguagem, múltiplas funções linguísticas, demonstrando, assim, como a língua é mutável, variável e passível de mudanças linguísticas, como sustenta a Sociolinguística.

O tabu linguístico

Cumpra ratificar o fato que o palavrão é considerado um tabu linguístico. Mas o que vem a ser, afinal de contas, um tabu? De acordo com o dicionário Michaelis (p. 2006, 1998), é uma “Instituição religiosa ou mágica que atribui a uma pessoa ou coisa caráter sagrado, interdizendo qualquer contato com elas.” Darma (2017) explica que o termo tabu foi cunhado por James Cook, quando de sua visita ao Taiti. Ele usou a palavra para descrever o comportamento dos polinésios diante de coisas que não deviam ser feitas, vistas ou tocadas.

Orsi (2013) acrescenta que o tabu indica algo que, além de proibido, é (paradoxalmente por essa razão) fruto de desejo. Do ponto de vista sociocultural, o tabu se refere a comportamentos malvistas e não aceitos como normal em uma sociedade — algo geralmente de natureza sexual, como o incesto, por exemplo. É quando o tabu adentra no campo da linguagem que ele adquire o status de linguístico.

Nesse sentido, o léxico tabuístico diz respeito a palavras e expressões que, por convenção social, são tidas como inapropriados, rejeitáveis, negativos e impróprios. Holt

(2017, p. 1) acrescenta que o tabu linguístico engloba termos que se referem a “áreas problemáticas da realidade, como sexualidade, etnicidade, religião, status econômico, idade, morte, doença, ou funções corporais, entre outras, e a expressão desses conceitos”. Oliveira (*apud* Silva, 2015) elenca três tipos básicos de tabu: os tabus de medo, os tabus de delicadeza e os tabus de decência. O primeiro tipo diz respeito à crença popular segundo a qual determinadas palavras podem atrair algo maléfico, nocivo. Para evitar a presença do Diabo, por exemplo, priva-se de falar seu nome e usam-se termos como “sete-pele”, “cão”, “inimigo” etc.

Os tabus de delicadeza estão geralmente associados à questão da sexualidade e são causados por um sentimento de pudor que leva os falantes a usarem eufemismos para se referirem aos órgãos sexuais, por exemplo. Assim, expressões como “coisar”, “furunfar”, “afogar o ganso” são usadas para representar o ato sexual; “aquele lugar” se refere ao ânus, e assim por diante.

Os tabus de decência estão relacionados a questões sociais e se referem a palavras politicamente corretas que substituem termos considerados grosseiros, ofensivos ou preconceituosos. Por exemplo, “aleijado” é uma palavra inapropriada que pode ser substituída por deficiente físico.

Em nossa pesquisa, observamos que 68,7% dos participantes afirmaram não se sentirem confortáveis para falar todo tipo de palavrão, tendo em vista que muitos são considerados tabu. Vejamos alguns exemplos dados para justificar essa afirmativa: “Cão, diabo, miséria, desgraça.” Essas expressões se enquadram no primeiro tipo de tabu descrito acima, que se referem ao medo que algumas pessoas sentem em atrair “coisas ruins” por meio das palavras. Outro exemplo de palavras que os participantes evitam falar pode ser identificado na seguinte resposta: “*Palavrões que se referem ao órgão sexual masculino, acredito que por minha criação. Buceta, acho pesado. Puta, pejorativo e machista. Vagabunda, muito agressivo*”. Este exemplo está de acordo com o tabu de delicadeza mencionado por Oliveira (*apud* Silva, 2015). Em relação ao tabu de decência, referente aos preconceitos sociais, os impropérios citados foram: “*Macaco, porco, viado, sapatão*”. Do restante da amostra, 14,9% afirmaram não ter qualquer constrangimento em proferir todo tipo de palavrão; e 16,4% não falam palavrões de qualquer espécie.

Para Orsi (2011), o tabu linguístico decorre das sanções, restrições e escrúpulos sociais e atua na proibição de se pronunciar certas palavras. A autora pontua que, exatamente por estar intrínseco esse sentido proibitivo, o homem reverte as imposições e usa o palavrão como forma de expressar seus sentimentos, subvertendo aquilo que não é permitido.

Palavrões e religião

Cumpre salientar que a religião exerceu grande influência sobre questões relacionadas à sexualidade. A título de exemplo, vemos no Gênesis que Adão e Eva viviam nus no jardim do Éden, sem qualquer constrangimento um para com o outro, mas, após comerem o fruto proibido, ambos se dão conta de sua nudez e se envergonham mutuamente, cobrindo as respectivas genitálias com folhas de figueira:

E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. (Gênesis, 3:6-7)

Foi, presumivelmente, a partir desse mito bíblico que se originou o tabu ao redor do sexo e tudo relacionado a ele, inclusive as palavras, pois como observa Catonné (*apud* Braga, 2008):

Por conta desse “descobrimento” dos corpos feito na vergonha, após um pecado (o chamado Pecado Original), podemos inferir que a expressão sexual humana não poderia ter vindo menos carregada de tabus, mitos, preconceitos, contradições, que foram e vão ainda moldando as atitudes e o comportamento sexual das pessoas.

Nesse sentido, os textos bíblicos preconizam a pureza do vocabulário, exortando as pessoas no sentido de abolir qualquer tipo de fala imoral ou obscena, como se observa em Efésios, capítulo 4, versículo 29: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem.” A advertência é ratificada em Mateus 12, 36-37: “Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo. Porque por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado.”

Além da questão sexual, a religião elenca na categoria de tabu toda expressão que se classifica como contrária aos preceitos clericais. A título de exemplo, citamos os xingamentos “Desgraçado”, “Vá pro inferno” e “Satanás”. Analisando a palavra “desgraçado” morfológicamente, temos *des* (prefixo de negação) + *graç* (radical) + *ado* (sufixo). Um desgraçado é, portanto, alguém “desprovido da graça”, especificamente a graça de Deus. Num contexto religioso, isso é algo muito grave, tão grave quanto ir para o inferno, pois, como observa Oliveira (2018, p. 167), “não há prognóstico pior do que não ir para o céu quando morrer”. As menções a Satanás, Diabo e toda a nomenclatura referente ao “Inimigo” também são vetadas.

É importante destacar, no entanto, que o tabu linguístico relacionado à religião já não tem, na sociedade atual, tanta influência quanto no passado, o que se revela como uma “óvia

consequência da secularização da cultura ocidental” (Pinker *apud* Burgos, 2018, online). Corroborando essa informação, destacamos que, em nossa pesquisa, apenas 6% dos participantes alegaram razões religiosas para não falar palavrões.

Discussão e resultados

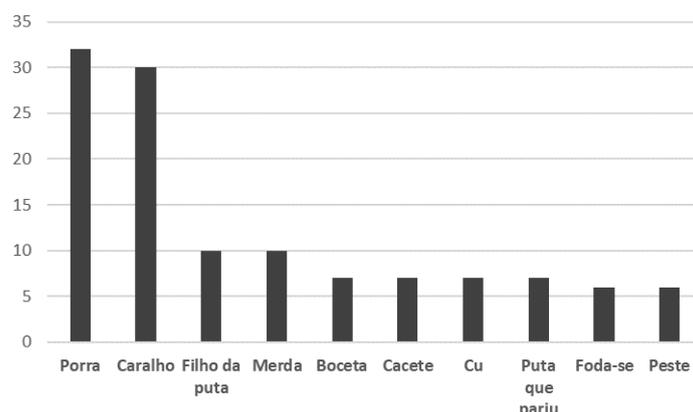
A variável dependente selecionada para o estudo é a variação entre uso e não uso de palavrões na fala de discentes do Curso de Letras da UAST, ou seja, pretendemos verificar se há um uso maior ou menor desses palavrões na língua falada dessa comunidade. Como variáveis independentes, para este artigo, selecionamos apenas variáveis de ordem social, uma vez que essa variação se enquadra na variação diafásica, a saber: variável Influenciadores, com os fatores colegas de escola, veículos midiáticos, amigos e família, a variável Contexto sociocomunicativo, com os fatores momentos de raiva, situações de nervosismo, conversas informais e conversas entre grupos de amigos, e a variável Sexo, com os fatores homem e mulher.

Após a coleta de dados, verificamos que, do total de entrevistados, apenas 16,4% afirmaram não ter o hábito de falar palavrão, o que se devia principalmente a uma questão de personalidade, ou seja, não há nesses participantes a predisposição para proferir palavrões. Portanto, a variante mais usada pelos discentes do Curso de Letras da UAST é o uso de palavrões. A maioria (83,6%) declarou ter o costume de praguejar, sendo que 13,4% dessa parcela fala o tempo todo, ao passo que 70,2% falam apenas esporadicamente.

Em relação à variável Influenciadores, o principal fator que influenciou os participantes a adquirirem o hábito de falar palavrão foram os colegas de escola (16,4%), seguido pelos veículos de mídia, internet/televisão/filmes (13,4%). Em relação ao primeiro fator, Hecler (2015) destaca que quando a criança entra em contato com outras (principalmente na escola, mas também em outros lugares), ela é influenciada e influencia outras crianças, seja no modo de vestir ou falar – donde inferimos, portanto, que ao ouvir um colega de escola proferir palavrões, as crianças tendem a adquirir esse vocabulário, fazendo uso dele ao longo da vida. A terceira e quarta maiores influências citadas foram amigos e família, com 13,2% e 10,4% de menção, respectivamente.

Perguntamos aos participantes quais os palavrões que eles falam mais frequentemente. Os dez impropérios mais mencionados são apresentados no gráfico 1.

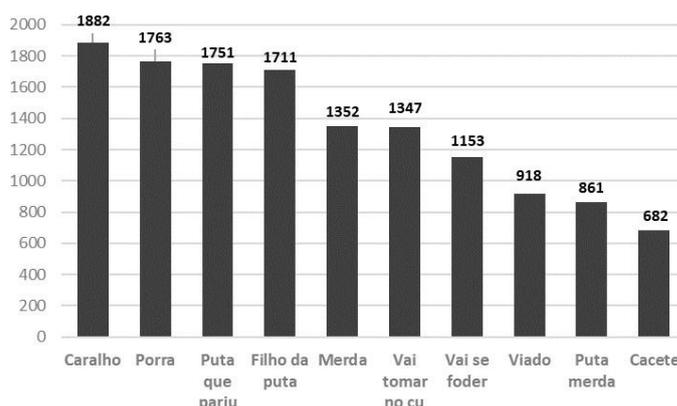
Gráfico 1: Pergunta 13 do questionário: Quais os palavrões que você mais usa?



Fonte: autoria própria.

A título de comparação, vejamos uma pesquisa on-line realizada em 2009, com quinze mil pessoas, acerca dos palavrões mais falados pelos brasileiros:

Gráfico 2: Ranking dos palavrões mais utilizados no Brasil.



Fonte: Lista 10, 2009, n. p. Reproduzido de Freire (2022).

O gráfico 2 demonstra que a maioria dos palavrões falados pelos brasileiros remete a dois fatores: sexualidade e fluidos corporais. No primeiro caso, há uma subdivisão: de um lado, órgãos genitais (caralho, cacete); e de outro, comportamentos sexuais (viado, vai se foder, vai tomar no cu, puta que pariu, filho da puta). No segundo caso, que remete a fluidos corporais, os palavrões mais usados são porra e merda.

Entre os palavrões mais falados, ambos os gráficos concordam que são caralho e porra. A diferença está apenas na colocação: enquanto o gráfico 1, com os participantes de nossa pesquisa, dá o primeiro lugar a porra (32 votos), o gráfico 2 afirma que, no contexto nacional, caralho é o impropério mais recorrente (1882 votos). Os palavrões filho da puta, merda, cacete e puta merda também confluem entre ambas as pesquisas.

No que diz respeito aos contextos em que os palavrões são proferidos, os que mais se destacaram, de acordo com as respostas dos participantes, foram: momentos de raiva,

situações de nervosismo, conversas informais e entre grupos de amigos. Os dois primeiros contextos reafirmam o palavrão como válvula de escape, que ajuda as pessoas a extravasar as emoções. Os dois últimos corroboram o ponto já mencionado por Darma (2017) a respeito dos vínculos afetivos que o palavrão promove, tendo em vista que a troca de palavrões em uma conversa informal entre amigos evidencia o grau de intimidade entre eles — algo impensável, por exemplo, entre pessoas que acabaram de se conhecer. Curiosamente, ninguém alegou usar palavrões com a intenção de ofender.

Uma vez que fazem parte do campo do tabu linguístico, os palavrões sofrem frequentemente um efeito eufemístico, isto é, em vez de serem ditos em sua forma original, opta-se por uma espécie de abrandamento, a fim de torná-lo palatável ao ambiente social. Sandman (1993) destaca quatro formas de eufemismo para os palavrões: abreviação, modificação de fonema(s), substituição de palavras e paráfrase. O primeiro tipo, abreviação, possui duas vertentes: soletração (PQP, para “puta que pariu”; VTNC, para “vai tomar no cu”; “BCT”, para “boceta” etc.) e uso das sílabas iniciais (sifu, paca). A modificação de fonemas consiste em substituir um ou mais fonemas do palavrão, criando, assim, uma nova palavra: *poxa*, *caraca*, *diacho*, *pomba*, *desgramado* etc. A substituição de palavras funciona como o próprio nome sugere: troca-se o termo chulo por um mais brando, atenuando o caráter obsceno. Por exemplo, *filho da mãe* é uma expressão muito mais polida que *filho da puta*. A paráfrase faz uso da sinonímia entre as palavras, substituindo a expressão obscena por outra mais amena. Exemplos: *as partes de baixo*, *intercurso sexual*.

A esse respeito, 25,4% dos participantes afirmaram fazer uso desse recurso, ou seja, por uma questão de educação, preferem falar *caraca* em substituição a *caralho*; *poxa* no lugar de *porra*; *filho da mãe* em vez de *filho da puta* etc. Nove por cento alegaram não ter qualquer constrangimento em proferir o palavrão em sua forma crua, sem qualquer tipo de eufemismo. A maioria, no entanto, optou por um caminho intermediário: 65,6% afirmaram que às vezes são explícitos e outras vezes são cerimoniosos, dependendo do contexto em que se encontram.

Para a variável Gênero, recorremos à percepção linguística dos participantes, uma vez que dentre eles havia um número discrepante entre homens (18) e mulheres (49). Assim, perguntamos aos participantes quem, entre homens e mulheres, fala mais palavrão. As respostas foram quase unânimes em relação ao gênero masculino: 94% afirmaram que homens são mais “boca suja”. As principais razões dadas pelos participantes para sustentar essa opinião são apresentadas no quadro 3.

Quadro 3 – Pergunta 23 do questionário: Por que homens falam mais palavrão que mulheres?

1	[...] por questões culturais mesmo. A mulher é mais penalizada por uso inadequados das palavras, justamente por ter estereótipos de mulher ser delicada e inocente. O que é muito retrógrado, mas que ainda é enraizado na sociedade.
2	Os homens, definitivamente, são mais livres na sociedade pra se expressarem. A mulher é sempre mais julgada, principalmente quando se trata de sua forma de agir, visto que nós temos que ser delicadas, educadas, sensíveis, femininas. O homem já tem um estereótipo de ser mais bruto, mais foda-se pra vida, e de ser mais largado.
3	Unicamente pelo motivo que a sociedade "aceita" demais o fato de um homem falar palavrões e achar que soa deslegante ou feio mesmo o fato de uma mulher falar.
4	Porque na sociedade machista, homens são aceitos para falarem o que quiserem, não será visto como feio e vulgar, mas sim normal, da "natureza" deles. Enquanto mulheres devem sempre se comportar, sem uso de palavras feias.
5	Creio que para os homens é algo instantâneo e "normalizado" perante a sociedade, já no caso das mulheres é diferente; e isso está relacionado principalmente ao machismo

Fonte: autoria própria.

A maioria das respostas giram em torno da questão sociocultural. A razão de homens falarem mais palavrão que mulheres é que estas são educadas desde tenra idade a se portarem de maneira polida, ao passo que aqueles gozam de liberdade para se expressarem livremente, isentos de repreensões. Silva (2017) observa que frases típicas como “Isso não é palavreado para uma mocinha”, “Não fala isso; você é mulher” atestam o fato de os brasileiros julgarem socialmente inadequado o uso de palavrões pela classe feminina. Como aponta a resposta 4 no quadro, é da “natureza” do homem falar impropérios, e uma vez que reina na sociedade o machismo, como destaca a resposta 5, esse comportamento não é reprimido, ao mesmo tempo que é fomentado o arquétipo da mulher como pessoa recatada.

Essa dicotomia entre homens e mulheres é observada por Pinheiro (2020). Para o autor, existe uma série de oposições entre ambos os gêneros: “homens são movidos pelo sexo, mulheres são movidas por relacionamentos; homens são frios ou impassíveis, mulheres são emotivas” (Pinheiro, 2020, p. 298). Esse caráter dicotômico, aliado às respostas apresentadas no quadro 3, nos permite depreender a razão pela qual a quase totalidade dos participantes afirma que os homens falam mais palavrão. Se a classe masculina é “movida pelo sexo”, é natural que seu vocabulário seja mais obscuro.

Apenas quatro pessoas (6%) alegaram serem as mulheres as mais “desbocadas”. Uma das justificativas para sustentar tal opinião foi a seguinte: “Porque convivo ao lado de mulheres, então por isso acho que mulheres falam mais, os homens que convivo não são de falar palavras de baixo calão.” Por outro lado, uma das justificativas para defender que homens são mais torpes foi: “Porque ouço mais homens falando do que mulheres”. As duas opiniões demonstram que a percepção sobre quem fala mais palavrão depende do convívio e do círculo de pessoas em que os participantes estão envolvidos. Inferimos, portanto, que a concepção geral é que a classe masculina possui mais liberdade e permissividade para se expressar usando palavrões, mas, em casos específicos, as mulheres também gozam desse

privilegio, pois, como observa um dos participantes: “a meu ver, ambos os sexos falam bastante”.

Considerações finais

O objetivo geral que orientou este artigo foi investigar o uso do palavrão enquanto ferramenta discursiva entre estudantes de Letras, a partir da Sociolinguística Variacionista. Por meio de um questionário semiestruturado, constatamos que a maioria dos participantes tem o hábito de praguejar, pois entendem isso como uma válvula de escape para sentimentos como raiva e nervosismo. Os objetivos específicos foram sobejamente respondidos, tendo em vista que, em primeiro lugar, não apenas a revisão teórica, como as respostas dos participantes ofereceram diferentes definições para o que vem a ser um palavrão; em segundo lugar, as funções dialógicas dos palavrões foram claramente especificadas, como sendo: ofender, intensificar, descrever etc., funções essas que guiam as escolhas dos participantes em usar determinados tipos de expressões torpes.

Confirmamos com este estudo que o palavrão é um fato social indissociável da comunicação humana e seu uso está presente em diferentes contextos conversacionais. Além disso, pudemos comprovar que os homens possuem mais liberdade para se expressar usando palavrões, em razão das amarras sociais que costumeiramente tolhem as mulheres.

Esperamos, com este trabalho, inspirar a realização de outras pesquisas sociolinguísticas, tendo em vista que a temática do palavrão abre caminho para diversas perspectivas de estudo, seja do ponto de vista da neurolinguística, seja da linguística textual, seja da análise do discurso, entre outras.

Referências

- ALMEIDA, A. D. O que é caralho? É um palavrão? É uma parte do corpo humano? Estudo sociolinguístico-cognitivo sobre a variação categorial de um item léxico. **Revista A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 22, n. esp., p. 147-170, 2021.
- ARAÚJO, J. C. Chats na web: a linguagem proibida e a queda de tabus. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 8, n. 2, p. 311-334, 2008.
- ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Moderna, 2004.
- AUATT, F. W.; JÚNIOR, M. A. P.; MARTINS, A. L. M. R. P. Impropérios: uma análise descritivo-lexicográfica. **Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes**, 2018.
- BBC NEWS BRASIL. Os surpreendentes benefícios do uso dos palavrões. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63386604>. Acesso em: 27 out. 2023.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. SBTB: São Paulo, 2011.
- BORBA, F. S. (org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAGA, E. R. M. “**Palavrões**” ou **palavras**: um estudo com educadora/es sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo. 2008. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

BURGOS, P. A ciência do palavrão: o que está por trás dos xingamentos mais comuns. **Superinteressante**, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-do-palavrao/>. Acesso em: 20 out. 2023.

COLLET, T. A tradução de palavrões constantes das legendas do filme americano Gran Torino. **Anais do SILEL**, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DAL CORNO, G. O. M.; FAGGION, C. M. Turpilóquio: uso geral e insultuoso. **Domínios da Língua@gem**, v. 5, n. 22, p. 167-178, 2011.

DARMA, R. S.; FITRI, N. Swearing words in “Celebrity read mean tweets” in Jimmy Kimmel Late Night Show: a sociolinguistic study. **Jelt: Journal of English Language Teaching**, v. 1, n. 1, 2017.

FREIRE, E. P. A.; COELHO, M. G. G. P. Decotes de linguagem: o palavrão e o pudor pela presença simbólica da nudez. **Revista Triades**, v. 11, n. 1, p. 47-61, 2022.

FREITAS, R. A.; MEDEIROS, V. G. Dicionarização do palavrão: uma análise dos processos de interdição do dizer na produção de dicionários online. **Anais do IX SAPPIL**, Estudos de Linguagem, UFF, n. 1, 2018.

HECKLER, U. Palavrão: um lobo mau na escola. **Revista Eletrônica Licencia&acturas**, v. 3, n. 1, p. 107-113, 2015.

HOLT, L. **Translating linguistic taboos in the Bible**. 2023. 79 f. Dissertação (Master of Arts in Linguistics and Translation) - Faculty of Graduate Studies, Trinity Western University, 2023.

HOUAISS, A. **O grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUNT, M.; COTTER, C.; PEARSON, H.; STOCKALL, L. Swear(ING) ain’t play(ING): the interaction of taboo language and the sociolinguistic variable. **Journal of Sociolinguistics**, v. 27, n. 2, p. 136-158, 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

MAIOR, M. S. **Dicionário do palavrão e termos afins**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

MICHAELIS, **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOLLICA, M. C. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, J. M. Os palavrões no português baiano: uma análise sociolinguística com base em dois filmes. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 60, n. esp., Salvador, p. 163-181, 2018.

ORSI, V. O léxico tabu: usos e aspectos socioculturais. **Entreletras**, Araguaína, v. 4, n. 2, p. 200-216, 2013.

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. **ReVel**, v. 9, n. 17, 2011.

ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. Itens lexicais tabu: “Usá-los ou não. Eis a questão”. **Todas as Letras**, v. 14, n. 2, 2012.

PAIS, J. M. Das nomeações às representações: os palavrões numa interpretação inspirada por H. Lefebvre. **Etnográfica**, v. 19, n. 2, p. 267-289, 2015.

PINHEIRO, A. F. C. "Você é o meu melhor amigo! Te amo, puta!" Uma análise de interações afetivas entre homens heterossexuais à luz da semiolinguística e da sociolinguística. **Verbum**, v. 9, n. 1, p. 290-309, 2020.

PINKER, S. As sete palavras que não podem ser ditas na televisão. In: PINKER, S. **Do que é feito o pensamento**: a língua como janela para a natureza humana. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

ROSA, L. A. **Os heterossemânticos de baixo calão nas legendas de La casa de papel**: “Puñetero tío, con boquete o sin boquete”. 2022. 159 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SANDMAN, A. J. O palavrão: formas de abrandamento. **Letras**, Curitiba, n. 41-42, p. 221-226, 1992-93.

SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S L. **Teoria da variação e mudança linguística**. Maceió: Edufal, 2011.

SETYANINGTIAS, S.; HERIYANTO, E.; MUHID, A. The use of swearing words of young multicultural students: a sociolinguistics study. **Electrum**, v. 1, n. 1, 2013.

SILVA, E. G. “Isso não é palavrado para uma mocinha” – analisando a avaliação do uso de palavrões por mulheres do gênero feminino. **Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 12, n. 1, p. 636-640, 2017.

SILVA, L. H. L.; LIRA, N. H.; BARROS, I. R. Análise da semântica histórica na obra *Palavras, Palavrinhas e Palavrões* de Ana Maria Machado. **Ciência & Trópico**, v. 39, n. 2, p. 129-141, 2015.

STEPHENS, R.; UMLAND, C. Swearing as a response to pain — effect of daily swearing frequency. **The Journal of Pain**, v. 12, n. 12, p. 1274-1281, 2011.

ZOSSOU, A. A.; RODRIGUES, U. R. S. Por que usamos palavrões nas interações? **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 64-77, 2022.

Sobre os autores

Damião Inácio da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6169-2243>

Bacharel em Administração pela UniFIS. Estudante de Licenciatura em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada (UFRPE/UAST).

Renata Livia de Araújo Santos

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5069-538X>

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), mestra em Linguística e graduada em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição. Professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST).

Recebido em março de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.